

## A BATALHA DO SOMME Por Reinaldo V. Theodoro



O momento mais dramático de todos: a hora de subir ao topo da trincheira.

"Bom progresso em território inimigo. Dizem que as tropas britânicas têm lutado com a maior galhardia e nós capturamos muitos prisioneiros. O dia está correndo muito bem para a Grã-Bretanha e a França".

Herbert Russell, correspondente de guerra, em telegrama para a Agência *Reuters*, sobre o primeiro dia da Batalha do Somme (01/07/16).

"O primeiro dia da ofensiva foi muito satisfatório. O sucesso não foi um relâmpago, como aconteceu em operações similares anteriores, mas ela é importante acima de tudo por ser rica em promessas... A partir de hoje, os primeiros resultados das novas táticas nos permitem esperar os desenvolvimentos com confiança".

Comunicado emitido pelo QG do Exército Britânico sobre a Ofensiva do Somme (03/07/16).

A Batalha do Somme foi uma das mais terríveis da 1ª Guerra Mundial, senão de todos os tempos. Em nenhuma guerra, antes ou desde então, o Exército Britânico perdeu tantos homens no primeiro dia de uma batalha – cerca de 58.000. Em Waterloo, as baixas foram de cerca de 8.500 homens; durante o "Dia-D", na 2ª Guerra Mundial, houve cerca de 4.000 baixas britânicas e cana-

denses. No primeiro dia da Batalha do Somme, as baixas britânicas excederam a todas as suas baixas nas guerras da Coréia, Boers e da Criméia juntas. Todos os países da Commonwealth estiveram envolvidos nela e, portanto, por todo o mundo, a palavra "Somme" tornou-se sinônimo do grande e insensato derramamento de sangue da Grande Guerra.

### **Antecedentes:**

Em agosto e setembro de 1914, os alemães invadiram e ocuparam a maior parte da Bélgica e boa parte do norte e nordeste da França. Porém, após as primeiras semanas do conflito, a guerra de movimento havia sido substituída por linhas estáticas de trincheiras que se estendiam por 966 quilômetros, da costa belga até a Suíça.

A premente necessidade dos franceses de expulsar os invasores de sua Pátria obrigou os aliados a assumir uma atitude ofensiva, continuando a adotar a obsoleta idéia de realizar maciços assaltos de infantaria. E à medida que ataque após ataque falhava, o custo em vidas humanas aumentava assustadoramente.

No início de 1916, a Grande Guerra havia chegado a um impasse. Ambos os lados já haviam sofrido perdas astronômicas e nenhum dos dois tinha os meios, quer numéricos ou técnicos, para levar o outro à derrota.

Em 19/12/15, o General Sir Douglas Haig foi nomeado Comandante-em-Chefe das forças britânicas na França e viu-se então responsável por um exército maior em tamanho do que nenhum outro general britânico jamais teve. Mas agora ele tinha que decidir como usá-lo. Com o fracasso da campanha dos Dardanelos, os britânicos concluíram que a vitória na guerra só seria obtida através da vitória na Frente Ocidental. Consequentemente, no início de 1916, decidiu-se realizar um grande ataque durante o verão.



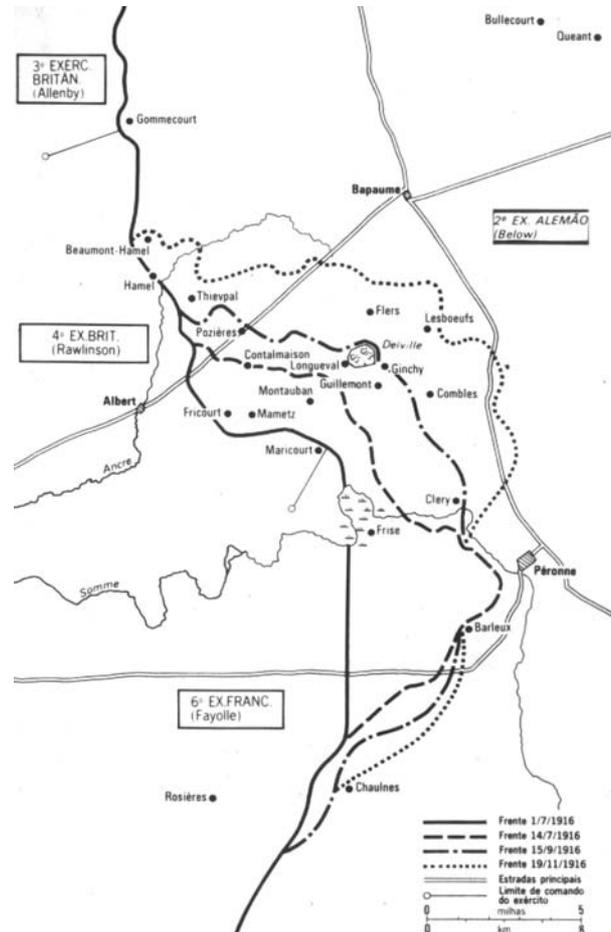
Sir Douglas Haig

Haig pretendia realizar esse ataque na região de Ypres. Porém, ele concluiu que teria que engajar e desgastar as reservas alemãs antes de tentar uma operação de ruptura. Para isso, ele planejou realizar um ataque diversivo na região do rio Somme, o qual atrairia as reservas alemãs para longe da Flandres.

Porém, antes que os planos estivessem prontos, os alemães iniciaram uma ofensiva a 21/02/16, na região de Verdun, destinada a fazer sangrar o Exército francês. Por volta de junho, os franceses estavam numa situação desesperada e começaram a pressionar os britânicos para atacar o quanto antes para aliviar a pressão. Os britânicos concordaram e os planos foram alterados.

Em sua forma original, o plano de ataque no Somme prescrevia um ataque conjunto anglo-francês em que os franceses atacariam na porção sul do front, diante do rio Somme propriamente dito. Porém, muitas tropas francesas haviam sido levadas para Verdun e, com isso, o papel dos franceses na ofensiva teria que ser muito reduzido. Por fim, apenas o 6º Exército francês, do General Fayolle, iria participar dela, fazendo com que a batalha do Somme se tornasse, quase que exclusivamente, um assunto britânico. Assim, estes ficaram sem tropas suficientes para realizar duas grandes ofensivas. O Somme, que deveria

ser apenas uma operação secundária, tornou-se, dessa forma, a principal ofensiva aliada de 1916.



As fases da Batalha do Somme.

### O Palco:

A parte britânica da frente do Somme tinha o formato de um "L" e estendia-se desde logo acima do rio Somme, na aldeia de Montauban, até a aldeia de Gommecourt, no norte, perfazendo cerca de 23 quilômetros.

Em toda a extensão da linha, os soldados britânicos iriam atacar através de terreno aberto, ligeiramente ondulado, e contra o bem organizado sistema defensivo alemão. Além disso, como as posições britânicas estavam sob observação, os alemães podiam mirar a sua artilharia e desenvolver as suas reservas com a máxima vantagem. As posições alemãs eram formidáveis. Situado em terreno mais alto, o primeiro sistema defensivo consistia de linhas de trincheiras profundas, bem dotadas de abrigos à prova de bombas com 9 a 12 metros de profundidade e com numerosas trincheiras de comunicação entre elas. Em frente a cada trincheira havia largos obstáculos de arame farpado, muitos deles em dois cinturões, com cerca de 35 metros entre eles, construídos com

estacas de ferro. Atrás delas, havia os redutos e vilas transformadas em pontos-fortes. Além disso, a distâncias entre 2.000 e 5.000 metros, os alemães haviam construído uma segunda linha de trincheiras e estavam trabalhando mais atrás em uma terceira. Esse sistema de linhas fortemente protegidas, defendida por incontáveis metralhadoras e centenas de canhões, era um formidável obstáculo para qualquer força atacante.

Em seu livro *Dispatches*, publicado após a guerra, Haig declarou que “defesas dessa natureza só poderiam ser atacadas com alguma chance de sucesso após uma cuidadosa preparação de artilharia.” Resta saber o que Haig entendia como “cuidadosa preparação”.

### O “Novo Exército” Britânico:

Quando a guerra começou em agosto de 1914, o Exército Britânico era uma força pequena, mas bem treinada, profissional e regular, suplementada pelos regimentos territoriais. Pensava-se então que a guerra duraria pouco tempo - talvez algumas semanas ou meses. Assim, o Exército Regular iria lutar na França, apoiado, se necessário, pelos "territoriais". Entretanto, à medida que a guerra se estendia, os regulares e muitos dos territoriais foram perdidos em batalhas como Mons, Marne, Ypres e Loos.

Perto do fim de 1914, Lord Kitchener – o Ministro da Guerra – percebeu que a guerra não terminaria tão cedo e, diante do fato de que muitos regulares e territoriais já estavam na França, ele decidiu criar um novo exército, composto por voluntários civis, recrutados em todas as regiões das Ilhas Britânicas. Com isso, o novo exército ficou conhecido como "Kitchener's Men" (Os Homens de Kitchener). Pelo fim do ano, quase 1.200.000 haviam se alistado. Eles foram organizados em unidades que agrupavam homens da mesma cidade, ficando conhecidos como "*Pals Battalions*" (Batalhões de Compadres). Enquanto esse novo exército era treinado, os regulares e territoriais apenas manteriam as linhas na França.

Foram esses homens que, em grande parte, formaram as ondas de assalto no Somme. Para a maioria deles, esta seria a sua primeira batalha – e para muitos foi também a última.

### O Plano Final:

O plano que finalmente surgiu podia ser dividido em três fases: primeiro, uma tremenda barragem de artilharia para matar os alemães e destruir suas trincheiras, posições fortificadas e obstáculos de arame farpado; segundo, o avanço e captura dessas posições pela infantaria; e terceiro, uma grande carga da cavalaria, que seguiria para

o norte, atacando as posições alemãs remanescentes.

Haig e o General Sir Henry Rawlinson, comandante do 4º Exército britânico, tinham consideráveis dúvidas a respeito da capacidade profissional dos soldados do novo Exército. Tanto os generais alemães<sup>1</sup> quanto os britânicos consideravam que tais tropas estavam insuficientemente treinadas, devido ao curto espaço de tempo decorrido. Rawlinson temia que as unidades se rompessem e se desorganizassem se corressem pelo terreno. Conseqüentemente, ele ordenou às suas tropas que marchassem para a frente em formação de parada. Essa decisão teria um efeito devastador no desenrolar da batalha.



Sir Henry Rawlinson, comandante do 4º Exército.

Haig e Rawlinson também decidiram "facilitar" as coisas para os novatos, determinando que houvesse um pesado bombardeio de artilharia, de vários dias de duração, de tal forma que os soldados teriam apenas que avançar até as posições inimigas e simplesmente ocupá-las.

Haig teria ao todo 27 divisões (750.000 homens), 14 das quais apenas no assalto inicial. A participação francesa se limitaria a 5 divisões que iriam atacar ao sul.

O ataque foi marcado inicialmente para 29/06/16, mas, caiu uma pesada chuva nos dias 26, 27 e 28. Apesar do sol voltar a brilhar, o solo continuou encharcado e muitas trincheiras continuavam alagadas. Além disso, os franceses pediram para adiar a hora do ataque, pois eles precisavam de mais duas horas de luz para terminar o seu plano de bombardeio. Conseqüentemente, o ataque foi adiado para as 7:30 h de 1º de julho.

Por cerca de três semanas antes, praticamente todo canhão britânico disponível foi levado para a frente do Somme, atingindo a razão de um para cada 15 metros da linha. O bombardeio preliminar

<sup>1</sup> Publicações alemãs haviam ironizado e feito caricaturas do novo Exército.

começou a 24/06/16. Ao todo, 1.010 canhões de campanha, 427 pesados e 100 franceses dispararam mais de 1.600.000 granadas de explosivos e gases durante 8 dias.

Nas trincheiras do Somme, 120.000 soldados britânicos esperavam ansiosos pelo início da batalha. Entre as tropas, o moral era alto. Havia a expectativa de que a ofensiva seria uma "Grande Arrancada" ("*Big Push*") e que poderia levar ao término da guerra. Entre os jovens que se preparavam para a sua primeira experiência de combate, havia pouca evidência de apreensão. O Tenente Owen Steele, do 1º Batalhão do Regimento *Newfoundland*, escreveu em seu diário: "É surpreendente ver como todo mundo está feliz e de coração leve – e indubitavelmente será o último dia para muitos". E depois: "O clímax de nossos problemas será atingido dentro de poucos dias, após o que a paz chegará rapidamente". Foi sua última anotação. Ele morreu seis dias depois.



Tropas britânicas marcham para a frente. O aparente otimismo logo seria substituído pela amarga desilusão.

### Começa a Batalha:

Através dos campos de batalha da França, o dia 1º de julho de 1916 clareou bem cedo, muito embora, nessa época do ano, houvesse pouca escuridão mesmo à noite.

Na área do Somme, antes da aurora, todo o front foi tomado de grande silêncio. Então, subitamente, os canhões abriram fogo, executando uma barragem de colossal intensidade. Nunca antes tantos canhões haviam sido concentrados atrás de uma frente de batalha. A terra vomitava chamas e detritos e o céu parecia coberto de projéteis. Parecia que nada poderia sobreviver àquilo. A chegada dos primeiros pálidos raios de luz coincidiu com uma tímida chuva. Mas ela logo passaria e a batalha que se travaria nesse fatídico dia se daria sob um céu azul, sem nuvens e com forte calor.

Às 7:20 h, a primeira de dez minas foi detonada sob parte da linha alemã<sup>2</sup>. Havia sido uma detonação prematura e, 8 minutos depois, as outras nove minas também explodiram. As explosões abriram lombos nas linhas alemãs e foram ouvidas em Londres. Muitos alemães ficaram desorientados, porém, alguns mais disciplinados aproveitaram as novas crateras para estabelecer posições defensivas.

Às 7:30 h, o bombardeio cessou e um agourento silêncio reinou através de todo o front. Momentos depois, cornetas e apitos foram ouvidos e os primeiros soldados aliados subiram nos parapeitos de suas trincheiras. A batalha iria começar.

A infantaria britânica mostrou grande audácia no ataque, embora a total confiança no poder da artilharia tenha contribuído imensamente para isso. Os homens marcharam, ombro-a-ombro, uma linha atrás da outra, carregando nas costas pelo menos 30 quilos de equipamento cada um, avançando lentamente para dentro da "terra-de-ninguém", em direção às trincheiras alemãs. Uma distância típica a ser percorrida era de cerca de 500 metros, ou seja, os soldados teriam que marchar, sobrecarregados, alinhados e totalmente expostos, por cerca de 6 minutos.

O soldado George Morgan, do 1º *Bradford Pals*, escreveria depois sobre o primeiro dia da batalha: "O oficial do nosso pelotão assoprou o seu apito e foi o primeiro a subir na trincheira, com seu revólver em uma das mãos e um cigarro na outra. 'Vamos, rapazes', disse ele, e prosseguiu. Nós subimos a trincheira ao mesmo tempo. Eu nunca mais vi o oficial. Seu nome está no memorial que foi construído depois da guerra em Thiepval como desaparecido. Ele era jovem, mas um homem muito corajoso".

Os alemães, pertencentes ao 2º Exército do General von Below, já esperavam o ataque, pois as suas patrulhas de reconhecimento e o intenso bombardeio deram a eles os indícios de que uma ofensiva estava sendo planejada. Em seus abrigos profundos, os alemães – prussianos e bávaros – sobreviveram ao longo bombardeio e conservaram a sua coragem. Apesar disso, os soldados estavam passando maus pedaços e escreviam cartas lamurientas para seus parentes em casa, descrevendo o horror dessas horas:

"Nada chega até nós." – escreveu um deles – "Nada de cartas. A barragem que os ingleses mantêm nas nossas imediações é terrível. Amanhã fará sete dias que o bombardeio começou. Nós não poderemos nos manter por muito tempo. Tudo é feito em pedaços".

Embora as tropas alemãs estivessem preocupa-

<sup>2</sup> A detonação dessa mina, cuja cratera é visível ainda hoje, foi filmada.

das, não havia sinais de covardia ou de desmoralização. E quando as ondas de atacantes surgiram, eles estavam prontos para recepcioná-las com nutrido fogo de metralhadoras, morteiros e canhões. Eles combateram com sua costumeira coragem, mantendo suas posições ou em ações de retaguarda, com esplêndida obstinação, até que fossem mortos ou capturados.

Em Gommecourt, o assalto havia sido planejado como um ataque diversivo pelo 3º Exército para desviar a atenção do inimigo do ataque principal mais ao sul. Uma das duas divisões destinadas a esse ataque era a 56ª Divisão de Londres. Dos 7 batalhões envolvidos (pouco mais de 5.000 homens), 1.700 foram mortos, 2.300 feridos e 200 (principalmente feridos) foram feitos prisioneiros.

O 6º Batalhão dos *Royal Warwicks* também teve baixas catastróficas. Ele conseguiu atingir seus objetivos perto da aldeia de Serre, mas foi forçado a recuar de volta à sua linha de partida, sempre debaixo de fogo inimigo. Dos 836 homens que ele tinha no início da batalha, 520 foram mortos e 316 feridos.

O 1º Batalhão do Regimento de *Newfoundland*, um dos quatro da 88ª Brigada da 29ª Divisão, havia servido em Gallipoli e no Egito antes de ir para a frente ocidental. Seu objetivo agora era o bastião de Beaumont-Hamel. Ali, os alemães se abrigavam em túneis profundos – alguns grandes o bastante para comportar um batalhão e meio – estando a salvo do terrível bombardeio enquanto permanecessem ali.

De suas posições iniciais, os *Newfoundlanders* tinham que atravessar 230 metros de terreno batido por fogo cruzado antes mesmo de atingirem a sua própria linha de frente. As companhias de vanguarda que emergiram na “terra-de-ninguém” puderam então visualizar a primeira linha de arame alemã, a cerca de 650 metros de distância. Era um milagre que qualquer um pudesse se manter são e salvo por um minuto que fosse nessas condições. Entretanto, eles fizeram o melhor possível para manter a linha de parada como prescrita pelo comando. A meio caminho, havia uma árvore solitária, na qual os alemães haviam calibrado o alcance do seu fogo de shrapnel e que recebeu o apropriado nome de “A Árvore Perigosa”, cujo tronco ressecado é ainda preservado como um marco do inútil sacrifício de muitos que tombaram nesse trágico dia. Poucos avançaram além dela.

O soldado Anthony Stacey, que testemunhava a carnificina de uma trincheira avançada, escreveria mais tarde: “Os homens estão tombando em ondas... e as brechas que haviam sido abertas na noite anterior haviam se transformado em uma armadilha para os nossos rapazes, pois o inimigo mira suas metralhadoras nas brechas no arame

farpado e atiram”.

Os poucos que chegaram às linhas alemãs ficaram assombrados ao descobrir que o bombardeio de artilharia de uma semana não havia cortado o arame farpado. Esse fato era conhecido pelos comandantes uma noite antes, graças aos relatórios de um grupo de reconhecimento. A notícia, porém, havia sido desprezada, considerada sem valor devido ao nervosismo de homens que estavam enfrentando uma batalha pela primeira vez. Como consequência, a maioria dos soldados que atingiu as trincheiras inimigas foi morta, detida no obstáculo de arame intacto.

Em menos de 30 minutos, estava tudo acabado. Às 9:45 h, o Tenente-Coronel Hadow, que havia testemunhado o aniquilamento de seu batalhão de uma posição avançada, informou ao QG da brigada que o ataque havia falhado. Por incrível que pareça, ele recebeu ordens de reunir os que ainda estavam aptos e retomar o ataque. Felizmente, o bom senso prevaleceu e a ordem foi revogada. Mais tarde, o General de Lisle, comandante da 29ª Divisão, assim descreveu a atuação daqueles mártires: “Foi uma magnífica demonstração de treinamento e valor disciplinado e seu assalto falhou em obter o sucesso porque homens mortos não podem mais avançar”.<sup>3</sup>

O batalhão havia marchado para a batalha com 801 homens (incluindo 25 oficiais) e, ao fim do dia, tinha apenas 68 homens sãos. As baixas foram de 233 mortos, 386 feridos e 91 desaparecidos. A maioria foi atingida antes que sáísse de suas próprias linhas. Todos os oficiais do batalhão que avançaram foram mortos ou feridos.



Infanteria britânica do 1º Batalhão do *Lancashire Fusiliers* concentra-se numa trincheira, preparando-se para atacar Beaumont-Hamel, 01/07/16.

Na área do bosque de Thiepval, a 36ª Divisão do Ulster atacaria através de uma distância de cerca

<sup>3</sup> Fantástico! Seria cômico se não fosse trágico.

500 metros, com outros 400 até o “Reduto Schwaben”.

A 36ª Divisão era composta por dez batalhões com cerca de 730 homens cada um. A divisão até que teve sorte, pois a sua área de concentração, na região do bosque, propiciava a eles uma boa cobertura contra a observação inimiga. Preces foram feitas, hinos foram cantados e, ao sinal, os homens partiram.

De início, tudo correu bem para eles. O arame alemão havia sido cortado em muitos lugares e, na sua avidez, os soldados esqueceram as suas ordens de avançar em linhas e fizeram uma carga, atingindo a primeira linha de trincheiras inimiga, que foi conquistada após um curto e feroz combate. Animados com o sucesso, eles partiram para o formidável “Reduto Schwaben” – uma área pesadamente fortificada no alto de uma crista atravessada com arame farpado, trincheiras e casamatas subterrâneas. Os batalhões de vanguarda combateram furiosamente para capturar a fortaleza. Mas então as coisas começaram a dar errado. A 32ª Divisão, à direita, não havia conseguido capturar a aldeia de Thiepval e as metralhadoras que eles teriam silenciado começaram a disparar contra o flanco dos atacantes. Ao mesmo tempo, a artilharia alemã – que tinha tido semanas para calibrar o alcance de suas peças – começou a disparar contra os quatro batalhões de Belfast que seguiam como reforço. A “terra-de-ninguém” transformou-se numa armadilha mortífera. Apesar disso, aos gritos de “No Surrender!”<sup>4</sup>, eles ganharam novo impulso e conseguiram alcançar o reduto, onde se uniram aos seus camaradas. Havia então homens de oito batalhões engajados ali. A luta foi à curta distância e sem trégua, mas, pelo meio da manhã, o reduto estava em mãos britânicas. Muitos oficiais haviam sido mortos e aos soldados faltava agora um comando que pudesse coordená-los. Dois pequenos grupos foram enviados na direção da segunda linha alemã, mas, como eles estavam muito à frente da planejada linha de avanço, as granadas da artilharia britânica logo começaram a cair sobre eles, forçando os *Ulstermen* a retrair de volta ao Schwaben.

Por seis quilômetros de cada lado da 36ª Divisão, não houve nenhum avanço para distrair a atenção do inimigo. Suas metralhadoras e canhões foram assestados contra ela e o inimigo pôde reunir reservas e preparar seus contra-ataques. O glorioso avanço havia acabado. Começava a agonia de defender o terreno conquistado.

No Reduto Schwaben, a situação dos *Ulstermen* estava se tornando cada vez mais séria. Os reforços não podiam atravessar a “terra-de-ninguém”,

a munição estava escasseando, estavam sob constante bombardeio de canhões, morteiros e metralhadoras e os alemães estavam contra-atacando com obstinada ferocidade. As baixas aumentavam sem parar e, após 14 horas de combate, quando a escuridão começou a cair sobre o campo de batalha, os poucos sobreviventes começaram a recuar de volta às trincheiras de onde eles haviam partido tão confiantes naquela manhã. Quando eles se retiraram, passaram pelas tropas territoriais da 49ª Divisão *West Riding* que estavam chegando para substituí-los – tarde demais. Eles só puderam atingir as primeiras linhas de trincheiras alemãs, que haviam sido capturadas logo no início da batalha.

O fracasso havia custado caro. Mais de 2.000 dos homens do Ulster morreram em Thiepval e mais de 2.700 estavam feridos. Apenas 165 foram feitos prisioneiros. Das 9 *Victoria Crosses* que foram concedidas nesse dia, 4 foram ganhas por homens da 36ª Divisão, dos quais 3 postumamente.

Localizada bem atrás da linha alemã e logo ao norte da “quina” do “L”, estava a aldeia de La Boisselle. Embora pequena, ela era uma importante posição tática, situada na estrada entre as cidades de Albert e Bapaume e havia a esperança de que a cavalaria faria a sua tão sonhada carga através dela. Então, a cavalaria foi ali concentrada atrás da infantaria, incluindo os afamados Lanceiros de Bengala.

A Brigada irlandesa *Tyneside* havia recebido a tarefa de capturar a aldeia e as defesas fortificadas junto a ela. Na hora marcada, os 3.000 homens da brigada avançaram por mais de 2.500 metros em direção às trincheiras inimigas. Foram ceifados como trigo e, finalmente, quando chegaram ao seu objetivo, haviam sido reduzidos a somente 50 homens sãos.

Um médico alemão foi feito prisioneiro perto de La Boisselle. Porém, ao invés de ser levado para a retaguarda, ele passou a atender os incontáveis feridos britânicos, com um soldado inglês atuando como seu auxiliar. O correspondente de guerra Philip Gibbs encontrou-se com ele no dia seguinte e o médico então lhe disse, em bom inglês: “Isso é a guerra! Estamos nos matando uns aos outros sem nenhuma razão. Esta é uma guerra contra a religião e a civilização e eu não vejo fim para ela”. Os únicos ganhos reais no primeiro dia da batalha foram obtidos no sul – a longo do “pé” do “L”. Ali, com um misto de sorte, coragem e ousadia, umas poucas centenas de metros de terreno foram conquistados.

A aldeia fortificada de Mametz era o objetivo da 7ª Divisão. Ali, uma única metralhadora liquidou 159 homens do Regimento *Devonshire*. Eles foram sepultados numa trincheira, onde foi escrito

<sup>4</sup> Sem rendição!

numa lápide: “Os *Devonshires* ocuparam essa trincheira. Os *Devonshires* ainda a ocupam”.

Apesar disso, as vilas de Mametz e Montauban e o “Reduto Leipzig”, ao sul de Thiepval, foram capturados e mantidos.

O 6º Exército francês atacou numa frente de 13 quilômetros entre Curlu e Péronne. Os franceses tinham uma densidade maior de canhões e enfrentavam defesas mais fracas. Além disso, não usaram as táticas suicidas usadas pelos britânicos, preferindo lançar pequenos grupos que procuravam tirar proveito do terreno. O seu avanço foi consideravelmente mais bem-sucedido, sofrendo muito menos baixas e capturando 3.000 alemães e 80 canhões. Mas sem o avanço dos britânicos no seu flanco norte, eles se viram forçados a recuar para suas posições originais.

Apesar de tudo, o impacto da ofensiva sobre os alemães havia sido grande. O correspondente de guerra Philip Gibbs encontrou diversos prisioneiros alemães do 14º Corpo de Reserva que estavam desmoralizados e contavam histórias apavorantes de como seus regimentos haviam sido destruídos. O 122º Regimento bávaro em Contalmaison estava entre os que sofreram mais horrivelmente.

As comunicações e a organização alemãs quase entraram em colapso. Quando os Guardas Prussianos foram levados para Valenciennes para contra-atacar em Contalmaison, foram enviados ao campo de batalha sem mapas ou guias locais e marcharam direto para a barragem britânica. Um batalhão inteiro foi feito em pedaços e muitos outros sofreram destinos semelhantes. Alguns dos prisioneiros relataram que eles haviam perdido 75% de seus efetivos.

Ainda nesse dia, os alemães começaram a transferir tropas de Verdun: duas divisões e 60 canhões pesados.

Ao longo do dia, a “terra-de-ninguém” havia se tornado, primeiramente, um campo de morte para muitos dos que tentaram atravessá-la. Depois, à medida que os alemães bombardeavam a área, uma rede de abrigos isolados para os feridos. As crateras das granadas tornaram-se lugar de refúgio para os feridos e túmulos para os mortos. Os feridos tinham que ficar completamente imóveis, sob o risco de serem atingidos de novo pelos alemães. Os sobreviventes tentaram a longa e perigosa jornada de volta às suas linhas, muitos dos quais sendo alvos fáceis para os atiradores e a artilharia inimiga.

Ao longo das trincheiras britânicas, o caos se estabeleceu. Elas ficaram abarrotadas de feridos e mortos, com soldados novos chegando para dar continuidade à batalha, mas que não puderam seguir adiante, além dos desmoralizados remanescentes das tropas que haviam atacado, mas

que haviam se retirado em busca da relativa segurança das trincheiras. Os comandantes ficaram relutantes em enviar mais homens à frente para morrer em lugares onde seus camaradas já haviam tombado.

Com a escuridão, os gritos dos feridos e aterrorizados acentuaram-se. Os homens caminhavam, arrastavam-se ou foram transportados de volta às suas linhas. Padioleiros que haviam trabalhado heroicamente sob fogo o dia inteiro continuaram seu misericordioso trabalho ao longo da noite.



Atendimento na trincheira a um ferido do 1º *Lancashire Fusiliers*, 01/07/16.

Os generais, há alguns quilômetros atrás da frente, acharam inicialmente que o dia havia sido de um mero revés. Contudo, a realidade era que o Exército Britânico havia sofrido o maior desastre de sua História.

A extensão da tragédia não havia ainda sido compreendida. Na Inglaterra, inicialmente, os jornais publicaram vagas histórias de bravura, destilando um otimismo totalmente infundado. Mas, aos poucos, as informações foram sendo filtradas da frente e a verdade nua e crua acabou se revelando.

As baixas sofridas pelo Exército britânico apenas no primeiro dia da Batalha do Somme foram de 19.240 mortos, 35.494 feridos, 2.152 desaparecidos e 584 prisioneiros, perfazendo um total de 57.470 baixas. De todos os oficiais engajados nesse fatídico dia, 60% foram mortos.

O Estado-Maior Geral e os políticos na Inglaterra tentaram minimizar a derrota. Porém, com a emissão dos temidos telegramas do *War Office* e o retorno dos feridos, o grande público acabou por perceber que algo muito ruim havia acontecido. Cidades inteiras estavam de luto. Os “*Pals Battalions*” haviam sofrido baixas catastróficas: unidades inteiras foram aniquiladas e, por semanas

após o assalto inicial, os jornais locais eram recheados com listas de mortos, feridos e desaparecidos. Poucas famílias não haviam sido atingidas pelos eventos no Somme. Em Belfast, a 12/07/16, todos os negócios e o tráfego foram suspensos e toda a cidade fez silêncio por 5 minutos.

### Os Erros:

A batalha tornou-se um desastre por várias razões. Primeiramente, o plano tinha sérias deficiências já na sua concepção, pois Haig desejava uma ruptura das linhas alemãs, enquanto Rawlinson esperava vencer uma batalha de atrito. Como esse conflito não foi resolvido, todo o plano teve falhas básicas. E como nenhum ponto dele podia ser discutido, um espírito de confiança infundada foi criado. Havia se tornado quase uma traição para os oficiais argumentar as deficiências do plano e, conseqüentemente, alguns ataques foram realizados em condições impossíveis.

Apesar de Haig estar ciente da necessidade de uma “cuidadosa preparação” de artilharia, isto, de fato, não aconteceu. Embora muito maior do que todos os efetuados antes pelos britânicos, o bombardeio preliminar, na prática, foi ineficaz. Houve dispersão de tiro, má definição dos alvos e inadequação dos canhões (na maioria canhões de campanha de 18 libras, o qual revelou-se de insuficiente poder de destruição), além da péssima qualidade da munição que eles disparavam (cerca de 1/3 dos projéteis de artilharia falharam em explodir e até hoje são encontrados pelos fazendeiros da região). Conseqüentemente, muitos abrigos, trincheiras, obstáculos de arame e posições de metralhadoras e canhões alemães ficaram intactos.

Ao lado dessas falhas, estavam as ordens estritas para que a artilharia disparasse adiante dos soldados avançando, numa taxa de avanço imutável. Conseqüentemente, quando o avanço era retardado ou parava, os canhões continuavam a aumentar o alcance de seus fogos, atingindo inutilmente áreas muito à frente da infantaria detida (isso quando não acontecia o oposto e a própria infantaria britânica era atingida pelo “fogo amigo”). Os artilheiros não tiveram permissão de mudar seus alvos e seu alcance, por exemplo, sobre posições de metralhadoras identificadas.

Outro fator primordial para a catástrofe foi a absoluta ausência do elemento surpresa. Os extensos preparativos feitos sem nenhum cuidado com dissimulação ou camuflagem e o longo bombardeio de uma semana deram aos alemães um claro e antecipado aviso do ataque que estava por vir. De fato, ele era abertamente discutido em cafés e mencionado em cartas dos soldados para

casa. O prévio conhecimento do ataque deu aos alemães tempo para melhorar as medidas para contê-lo. Além disso, o começo do assalto foi programado para muito tarde naquela fatídica manhã. Às 7:30 h estava-se em plena luz do dia e os alemães podiam ver claramente todos os que estavam vindo em sua direção. Se as tropas tivessem sido ordenadas a subir às trincheiras ao amanhecer, elas teriam tido a vantagem da tênue luz dessa hora e da cobertura da neblina matinal que cobria o campo de batalha.

Finalmente, a ordem para atacar em linhas de companhia somente fez as coisas se tornarem ainda mais fáceis para os alemães. Durante todo o dia, todas as divisões que seguiram essas ordens foram detidas praticamente na linha de partida com pesadas baixas.

Essas são as principais razões para o fracasso. Se qualquer um desses fatores estivesse ausente, o ataque poderia ter tido melhor sucesso. Como as coisas aconteceram, cada falha se combinava com as demais para juntas transformarem o dia 1º de julho de 1916 num dia de banho de sangue.

Mas não seria o último.

### A Batalha Continua:

Na manhã seguinte, o metralhador George Coppard chegou ao campo de batalha e testemunhou, através de seus binóculos, a carnificina: “... era claramente evidente que o ataque havia sido brutalmente repellido. Centenas de mortos, muitos da 37ª Brigada, estavam espalhados como detritos deixados pela maré alta. Muitos mortos estavam no arame farpado inimigo, como peixes em uma rede. Eles estavam em posições grotescas. Alguns pareciam estar rezando; eles haviam tombado de joelhos e o arame impedia que o corpo caísse. No caminho, os mortos estavam igualmente espalhados, no arame e no terreno, e era claro que não havia brechas no arame no momento do ataque”.

O general Rawlinson, horrorizado com a reação alemã, pensou em cancelar a ofensiva. Mas, a despeito das pesadas baixas ocorridas durante o primeiro dia, Haig persistiu com ela.

A Legião Estrangeira (em cujas fileiras havia muitos americanos) entrou em cena nesse dia, atacando Belloy-em-Santerre. Ao cair da noite, a aldeia estava em mãos dos legionários, ao custo de 25 oficiais e 844 soldados, 1/3 do seu efetivo original. Os ataques britânicos foram rechaçados, enquanto os franceses, no sul, romperam a linha alemã numa extensão de quase 10 quilômetros. Também nesse dia, os alemães contra-atacaram em Montauban, mas a 18ª Divisão *Eastern* manteve-se firme nela.

Os combates prosseguiram diariamente. A 06/07/16, finalmente caiu La Boisselle. No dia seguinte, Contalmaison era conquistada de dia e perdida à noite (ela só foi efetivamente tomada a 10/07/16).

As tropas de Rawlinson afinal asseguraram a primeira linha de trincheiras alemãs em 11/07/16. Nesse dia, mais tropas alemãs foram transferidas de Verdun para ajudar a conter a ameaça no Somme.

Haig acreditava que os alemães estavam próximos do ponto de exaustão e continuou a ordenar outros ataques, esperando que cada um deles trouxesse a necessária ruptura. Tropas mais experientes e do Império foram trazidas, substituindo o que restara dos “homens de Kitchener”.

Um ataque noturno a 13/07/16 obteve êxito. A linha alemã foi rompida em Longueval e Bazingin e a cavalaria tentou realizar uma exploração. Porém, os reforços alemães chegaram a tempo de fechar a brecha.

A 15/07/16, a Brigada Sul-Africana entrou na luta, atacando através do bosque de Delville. A brigada acabou dizimada numa luta particularmente selvagem que se estendeu até o fim do mês.

A 16/07/16, começou a luta por Pozières. A aldeia foi investida novamente a 22/07/16 e a 25/07/16, sempre sem sucesso.

A 19/07/16, a defesa alemã foi reorganizada, com a ala meridional formando um novo exército, o 1º, sob o General von Gallwitz.

O 1º Corpo ANZAC (Australian and New Zealand Army Corps = Corpo de Exército Australiano e Neozelandês) foi então trazido para o matadouro do Somme. A 1ª Divisão australiana atacou a 23/07/16. Os “diggers” avançaram colados à sua barragem de artilharia, arrastaram um canhão a apenas 180 metros de uma trincheira alemã e devastaram-na com 115 tiros à queima-roupa.

Na aldeia de Pozières, a 26/07/16, o 17º Batalhão da 2ª Divisão australiana lançou 15.000 granadas, num combate que se estendeu por 13 horas. Tendo capturado a crista, um dos dois únicos progressos obtidos em toda a frente britânica nesse dia, os australianos tiveram que mantê-la sob um demolidor bombardeio alemão. A 4ª Divisão australiana suportou violentos contra-ataques alemães por nove dias.

As baixas australianas foram sérias: 7.700 na 1ª Divisão, 8.100 na 2ª e 7.100 na 4ª. Posteriormente, se diria que a crista de Pozières era mais densamente regada com sangue australiano que qualquer outro lugar do planeta.

A 30/07/16, foi a vez de Guillemont ser atacada. Três batalhões de “Pals” de Liverpool avançaram contra a aldeia e deixaram 500 mortos no terreno. A 08/08/16, o *Liverpool Scottish Battalion* atacou novamente. O ataque havia sido decidido na últi-

ma hora e a preparação de artilharia foi inadequada. Quando o batalhão deixou as trincheiras, foi imediatamente recepcionado pela artilharia alemã. Por três vezes, o batalhão atacou e por três vezes foi rechaçado, sendo obrigado a retornar às suas trincheiras. Dos 20 oficiais e 600 soldados que marcharam pelo agora chamado “Vale da Morte”, respectivamente 10 e 96 foram mortos ou dados como desaparecidos. “Desaparecidos” nesse caso significava mortos de cujos corpos não havia restado o suficiente para uma identificação.

Nessa noite, o Capitão Noel Chavasse liderou um grupo de voluntários em busca de feridos que haviam ficado no campo de batalha. Ignorando os atiradores alemães, gritou por feridos e usou a sua lanterna na escuridão da “terra-de-ninguém”, até que, acidentalmente, se viram diante de uma trincheira inimiga. Os alemães abriram fogo e atingiram Chavasse na coxa. Por sua atuação nessa noite, ele recebeu a *Victoria Cross*.



Obuseiros britânicos de 8 polegadas da 39ª Bateria de Sítio em ação em agosto de 1916.

Já então era óbvio que a batalha do Somme havia se transformado numa guerra de atrito. Não havia mais esperança de ruptura da linha alemã, nem de um rápido fim para a guerra. Seria uma contínua agonia de lutas nos bosques, cristas, aldeias, vales e ravinas, capturados e perdidos, capturados de novo e perdidos novamente. Não havia nenhum outro objetivo na batalha senão matar e destruir.

John Raws era um soldado inglês que escreveu uma carta ao seu irmão pouco antes de ser morto em combate no Somme, a 12/08/16: “As glórias da ‘Grande Arrancada’ são grandes, mas os horrores são ainda maiores. Com tudo o que eu havia ouvido, com tudo que eu havia imaginado em minha mente, eu nunca poderia conceber que a guerra poderia ser tão terrível... E quando eu olho para o local, em toda parte, trincheiras e tudo o mais, tem mortos espalhados. Nós não temos

tempo nem espaço para funerais e os feridos não podem ser evacuados. Eles ficam conosco e morrem, miseravelmente, conosco, e então eles apodrecem. O campo de batalha estende-se por milhas em volta. E a vista é de membros, corpos mutilados e cabeças extraviadas. Nós vivemos com isso por onze dias, comemos, bebemos e lutamos no meio disso; mas não dormimos. Às vezes, nós nos deitamos e ficamos inconscientes. Você não pode chamar isso de dormir”.

Mas os britânicos não tinham o monopólio da estupidez. A 18/08/16, os alemães realizaram um contra-ataque suicida no bosque de Leuze. Ombrão-a-ombro, como uma barreira móvel, linha atrás de linha, eles atacaram com inacreditável coragem – como os britânicos haviam feito no primeiro dia da batalha. O correspondente de guerra Philip Gibbs testemunhou a cena: “Eles eram grandes homens e não vacilavam no seu avanço, mas a mim pareciam como homens que caminhavam cômicos de que estavam indo para a morte. E eles morreram”.

A 04/09/16, os franceses obtiveram um êxito ao libertarem Bouchavesnes.

A 05/09/16, os britânicos capturaram o bosque de Leuze. Enquanto isso, os irlandeses capturavam Ginchy. Antes do ataque, os oficiais irlandeses receberam pedaços de pano verde para serem presos às suas costas, como uma homenagem à Irlanda.

Acreditando que o objetivo estava sendo atingido, Haig continuou a ofensiva da maneira como ele acreditava que ela poderia levar a resultados decisivos. A 15/09/16, a ofensiva britânica foi renovada, empregando 15 divisões do 4º Exército – ataque que marcou a estréia do tanque.

Esses tanques, num total de 50, eram operados pelas Companhias “C” e “D” do Corpo de Metralhadoras. O primitivo Tanque Mark I, porém, se revelaria ineficiente e problemático. Falhas mecânicas e outros problemas reduziram o número original de veículos de 50 para 24.

As tropas de Rawlinson romperam através dos remanescentes do sistema de trincheiras alemão, enquanto o 6º Exército francês tentou limpar o flanco direito britânico. Enquanto isso, os recém-chegados canadenses (que haviam substituído os australianos em Pozières) rumaram para noroeste, pela estrada Albert-Bapaume, para capturar Courcellette. As 2ª e 3ª divisões canadenses partiram às 6:20 h, com o apoio de tanques. Sob pesado bombardeio de artilharia, as defesas de vanguarda alemãs foram pulverizadas e ocupadas em 15 minutos.

O soldado John Chipman Kerr, mesmo tendo um dedo arrancado no início do ataque, liderou uma carga que atingiu uma trincheira alemã, onde 62 inimigos se renderam. Depois de deixar seus

prisioneiros numa trincheira de apoio, ele voltou à ação sem ter seu ferimento tratado. Por sua atuação, Kerr recebeu a *Victoria Cross*.

Prosseguindo no avanço, a 2ª Divisão canadense atingiu seus objetivos em pouco mais de uma hora. Por então, dos 6 tanques que apoiavam os canadenses, apenas 1 ainda estava funcionando. Ato contínuo, as 5ª e 7ª Brigadas (2ª e 3ª Divisões, respectivamente) ultrapassaram as tropas de vanguarda e atacaram Courcellette. A cidade foi limpa após três dias de duros combates, com os canadenses repelindo diversos contra-ataques alemães. O combate entre 15 e 22/09/16 havia custado mais de 7.000 baixas aos canadenses, mas havia resultado num dos maiores (senão o maior) sucesso de toda a campanha do Somme.



Soldados canadenses partem para o ataque no Somme.

Logo ao sul dos canadenses, a 15ª Divisão escocesa, com o apoio de um único tanque, conseguiu capturar Martinpuich, que foi tomada aos bávaros virtualmente rua por rua, num combate que só terminou a 17/09/16.

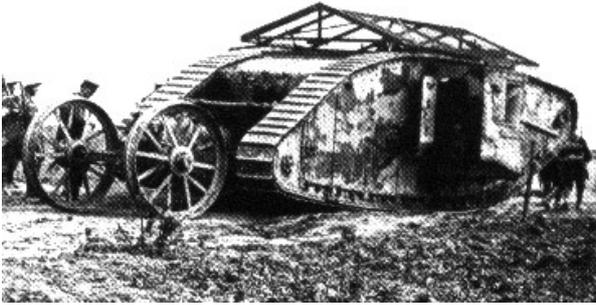
No sudeste, porém, as forças alemãs conseguiram deter os tanques, enquanto alguns deles se perderam e outros ainda dispararam contra a sua própria infantaria.

Para o leste, o progresso na direção de Flers foi auxiliado pela chegada fortuita de quatro tanques num momento crítico. As ruínas da vila caíram nas mãos de um grupo misto de *Hampshires* e *Royal West Kents*, apoiados por um tanque. Neste combate, Raymond Asquith, filho do Primeiro-Ministro britânico, foi morto. Harold Macmillan, futuro Primeiro-Ministro e também servindo na Divisão de Guardas, foi seriamente ferido.

O 10º Exército francês, do General Alfred Micheler, também juntou-se à batalha nesse dia. A despeito do uso de tanques, suas 12 divisões conquistaram somente uns poucos quilômetros.

O impacto psicológico dos tanques foi considerável. Monstruosos, barulhentos e invulneráveis,

eles assombraram aliados e inimigos. Os bávaros em Picardy ficaram aterrorizados diante da nova arma, com muitos fugindo e outros rendendo-se apavorados. Em Flers, um tanque estabeleceu-se no canto nordeste do bosque de Delville e intimidou de tal forma um grupo de alemães em um par de trincheiras que eles prontamente se renderam. Uma vez conquistada Flers e antes de retornarem para a retaguarda, os tanques ainda silenciaram uma bateria e meia de artilharia, capturando suas guarnições e entregando-as à infantaria.



Tanque inglês Mark I.

A aviação aliada também deu a sua contribuição, realizando diversos ataques de metralhamento. As sementes da *blitzkrieg* estavam plantadas. Em fins de setembro, Haig voltou ao ataque. De 26/09/16 a 08/10/16, os canadenses se lançaram infrutiferamente contra a crista de Thiepval e as alturas de Ancre. Os objetivos canadenses só seriam atingidos a 11/11/16, na terceira tentativa da 4ª Divisão. Ao todo, a luta no Somme havia custado aos canadenses mais de 24.000 baixas. Outros ataques foram lançados pelos britânicos na Crista de Transloy. Da mesma forma, os ataques franceses prosseguiram no sul, na área de Chaulnes e, no centro, a leste de Morval. Em outubro, o Marechal Joseph Joffre, Comandante-em-Chefe do Exército francês, pediu a Haig para continuar a ofensiva no Somme, pois as forças francesas em Verdun haviam passado para a ofensiva e estavam ganhando terreno. Joffre esperava que Haig pudesse manter a pressão sobre os alemães, evitando assim que tropas alemãs fossem transferidas para Verdun. Chuvas torrenciais nesse mês transformaram o campo de batalha num lamaçal, interrompendo a batalha. Mas, sempre que as condições atmosféricas permitiam, Haig ordenava novos ataques. O batalhão de Newfoundland foi recuperado após sua quase destruição e retornou ao Somme, distinguindo-se em um ataque perto da vila de Gueudecourt. A 13/11/16, os britânicos fizeram um esforço final na extremidade oriental do saliente, no rio Ancre, na qual eles capturaram a fortaleza de Beaumont-Hamel.

Fortes nevascas caíram a 17/11/16. Um último ataque ainda foi lançado na noite seguinte, mas a chegada do inverno forçou Haig a abandonar a ofensiva do Somme.

A batalha do Somme havia terminado após 140 dias de luta. Desde o seu início, os britânicos haviam sofrido cerca de 420.000 baixas, os franceses, cerca de 195.000 e estima-se que as baixas alemãs chegaram a 500.000. Os aliados haviam libertado cerca de 300 quilômetros quadrados de lama ensangüentada, com uma profundidade de 12 quilômetros no seu ponto máximo, ao longo de uma frente de 45 quilômetros.

No decorrer da batalha, foram concedidas 51 *Victoria Crosses*, a mais alta condecoração militar britânica – e a única que pode ser concedida postumamente. Foram concedidas 17 nessa condição.

### Conclusões:

O que havia sido planejado como uma “Grande Arrancada”, que poderia terminar a guerra, havia se transformado numa aterrorizante e cara batalha de atrito.

O que se pretendia obter e o que se conseguiu com a batalha? Originalmente, os britânicos tinham os seguintes objetivos:

- aliviar a pressão em Verdun e no front russo, forçando o envio de tropas alemãs dessas áreas para o Somme;
- obter ganhos territoriais substanciais;
- causar o maior número de baixas aos alemães;
- abalar o moral dos alemães, reduzindo o seu desejo de continuar a guerra

A pressão em Verdun foi obviamente aliviada, pois não menos que 6 divisões alemãs haviam sido retiradas de lá para socorrer o front do Somme. Porém, no pós-guerra, algumas declarações de personalidades da época, como o Primeiro-Ministro britânico David Lloyd George, reduziram drasticamente o valor desse fato, pois já havia ficado claro que o esforço alemão em Verdun estava chegando ao fim por volta de junho e Joffre havia reconhecido o fracasso dos alemães já em maio. Porém, essa é uma afirmação *post-facto*, pois a operação do Somme estava sendo planejada desde o início do ano e seus preparativos não poderiam ser cancelados ou transferidos rapidamente para outro ponto só porque parecia que os alemães estavam perdendo uma batalha. Ao contrário, a exaustão do Exército alemão em

Verdun fazia com que o momento fosse ideal para lançar uma nova ofensiva em outro ponto – qualquer ponto – para desequilibrá-lo e destruí-lo. O grande equívoco dessa campanha não foi a decisão estratégica de atacar, mas, sim, como ela foi executada.

Quanto à outra meta dos aliados, ou seja, aliviar a pressão sobre a Rússia, já não era mais factível. Embora ninguém pudesse saber na ocasião, ela já se aproximava da completa derrota. A revolução comunista também ameaçava a Rússia, de modo que, mesmo se a situação dela fosse muito aliviada ou se os alemães simplesmente se retirassem do front oriental, não haveria garantias de que os russos não abandonariam a guerra.

Em termos de terreno libertado, a ofensiva foi um óbvio e indiscutível fracasso. O mais longe que qualquer soldado aliado atingiu não chegou a 12 quilômetros de seu ponto de partida, obtidos por meses de feroz combate e horríveis baixas.

Enquanto a batalha ainda estava em andamento, os alemães estavam construindo uma nova posição defensiva – a Linha Hindenburg – cerca de 15 quilômetros atrás da linha de então. Em fevereiro de 1917, eles retiraram-se para suas novas posições, cedendo aos aliados cerca de 2.600 quilômetros quadrados de terreno – quase dez vezes o que os aliados haviam conquistado em 1916. Apesar de ter surgido a idéia de que a construção dessa linha havia sido uma reação à batalha do Somme, o fato é que a manobra constituiu um gesto brilhante dos alemães, permitindo a eles economizar forças na manutenção de sua linha e estabelecer reservas para contra-ataques e até para a sua ofensiva de 1918, a qual poderia ter decidido a guerra. Nessa ocasião, todo o território que havia sido conquistado às custas de meses de lutas e de milhares de vidas perdidas foi retomado. Ele também não foi mantido pelos alemães e não foi, de forma alguma, relevante para o desfecho da guerra.

As baixas alemãs haviam sido realmente tremendas (sem falar em Verdun), mas os aliados haviam perdido bem mais que eles. Como Lloyd George escreveu: "Apregoa-se que a batalha do Somme destruiu o velho Exército Alemão, ao matar seus melhores oficiais e homens. Mas ela matou muito mais dos nossos melhores e dos franceses. A batalha do Somme foi travada pelos exércitos de voluntários criados em 1914 e 1915. Estes continham os mais selecionados e melhores de nosso jovem potencial humano". Nunca novamente o espírito e a qualidade dos oficiais e soldados foram tão altos, nem o estado geral de treinamento, liderança e disciplina dos novos exércitos britânicos na França seriam tão bons. As baixas sofridas não foram apenas pesadas – foram insubstituíveis.

Isto causou um profundo impacto, de conseqüências políticas e sociais na Grã-Bretanha. Muitos falavam, não sem razão, em "Geração Perdida". Era difícil compreender – e aceitar como justificável – uma razão de baixas na ordem de 55.000 para cada quilômetro conquistado.

Contudo, embora os aliados tenham sofrido mais baixas do que causaram, eles tinham mais soldados que eles poderiam lançar na batalha. A Alemanha, embora ainda tivesse muitas reservas, certamente não tinha tantas quanto os aliados. E no tipo de guerra que estava sendo travada, de atrito, que desgastava um ao outro até que um dos oponentes não pudesse mais manter um exército, seria bom se a perda de vidas se mantivesse em níveis aceitáveis, embora, naturalmente, seja difícil considerar tais números como tal. E apesar das perdas alemãs em vidas terem sido realmente devastadoras (mais de 1/3 do total das suas baixas na Grande Guerra), eles nunca estiveram nem perto de ter um colapso do seu Exército. A ofensiva de 1918 foi a mais clara evidência de que a perda de vidas alemãs no Somme não foi suficiente para levar o esforço de guerra alemão ao colapso. Se não fosse a entrada dos EUA na guerra, o Somme não teria salvado os aliados do inextricável impasse. Por outro lado, a perda de soldados aliados poderia ter sido ainda mais decisiva, se a ofensiva alemã tivesse funcionado. O moral alemão foi claramente abalado pelas catastróficas batalhas de 1916. As más notícias do front se espalhavam através das divisões que saíam de linha e eram enviadas para a retaguarda para descanso. Os soldados diziam que seus batalhões haviam sido destroçados. Eles descreviam o aterrorizante efeito da artilharia britânica – as trincheiras destruídas, as crateras, os incontáveis mortos e feridos, o grande horror.

Isto não era bom para o moral de homens que estavam rumando para o campo de batalha. Soldados bávaros começaram a se desentender com os prussianos, acusando-os, injustamente, de abandonar o campo de batalha, deixando os bávaros para morrer no seu lugar.

Não havia mais vestígios do velho charme da tropa marchando em direção aos campos de batalha. Não havia mais o velho entusiasmo do início da guerra. E isto foi notado pelos oficiais, que tiveram que ordenar a seus homens que cantassem marchas e hinos.

Os ataques constantes contra a linha alemã levaram muitos alemães a perder a fé na vitória de sua Pátria. Muitos alemães desanimados escreveram sobre as terríveis condições em que eles se encontravam. Um soldado escreveu: "Hans está morto. Fritz está morto. Wilhelm está morto. Há muitos outros. Eu estou quase sozinho na minha companhia... todos que não são feridos

acabam tombando. Isso é quase insuportável. Se ao menos a paz viesse!"

Mas não era apenas a perda de vidas que abalava os alemães. Havia a escassez de comida, doenças, precárias condições das trincheiras, etc. Contudo, por ocasião da ofensiva de 1918, o abalado moral dos alemães havia sido restaurado, com a chegada das tropas vitoriosas que vinham da frente oriental. Isto demonstra que o abalo ao moral alemão infligido durante a batalha do Somme não teve qualquer relevância para a conclusão da guerra.

E se o moral alemão foi arrasado pelos eventos no Somme, o aliado também foi destruído, não somente pelas baixas estarrecedoras, mas pelas expectativas não cumpridas. Nesse aspecto, a batalha do Somme foi o grande ponto de virada da guerra. As esperanças de uma geração que foi à guerra tão entusiasmadamente em 1914 haviam sido destruídas de uma vez por todas. A "Grande Arrancada" não conseguiu nenhuma ruptura nem levou a guerra a uma rápida conclusão. O conflito havia se transformado – e agora todos sabiam disso – num banho de sangue que continuou inabalado por outros dois anos.

O moral é, certamente, um importante fator. Não somente no front, mas também na Alemanha, onde muitos alemães tiveram o seu moral quebrado. Essa desmoralização é facilmente associada aos motins e movimentos que levariam ao armistício de 1918 e à revolução que se seguiu.

Porém, uma pergunta permanece difícil de responder: por que no Somme? Afinal, se obtida a ruptura da linha alemã, para onde iriam a seguir os britânicos? Que objetivos eram almejados? Nunca se encontrou resposta aceitável para essas perguntas. Daí se conclui que o ataque no Somme era um mero ataque diversionista para retirar soldados alemães da região do saliente de Ypres, embora este não seja um ponto-de-vista unânime. Porém, se ele tem validade, então isso pode explicar porque não existia um objetivo estratégico claramente definido por trás da batalha do Somme. Sem dúvida, esse argumento irá ainda continuar significativo por muitos anos ainda.

### Reflexão – A Consciência da Liderança:

Muitos críticos consideram a Batalha do Somme não mais que um desperdício de vidas desnecessário em uma ofensiva excessivamente longa, caracterizada pela incrível coragem dos seus executantes e pela igualmente incrível inépcia de sua liderança — "leões liderados por burros". As estatísticas, apenas para as vidas perdidas, são de 95.675 britânicos e do Império, 50.729 franceses e 164.055 alemães.

A atuação dos generais na 1ª Guerra Mundial

pode ser expressa pelo ditado "para quem tem a mentalidade de um martelo, todos os problemas se parecem com um prego". A insistência em cargas de infantaria, numa guerra que já estava obviamente dominada pelas máquinas, demonstrava a incapacidade das lideranças militares em inovarem e buscarem novas soluções para novos problemas. Em Verdun e no Somme, a tecnologia militar havia superado a mentalidade do Século XIX dos generais responsáveis por elas. Em ambas as batalhas, a fina flor da juventude alemã, britânica e francesa foi abatida, privando essas nações de seu futuro.

Até que ponto uma liderança pode dispor das vidas de seus liderados? O General Heinz Guderian, em seu livro *Panzer Leader*, diz que, durante uma discussão com Hitler, ele teria dito: "Todos os soldados alemães sabem que em tempo de guerra arriscam a vida pela Pátria... Mas semelhante sacrifício só deve ser pedido a um homem, se os resultados a obter são dignos dele".

Resta então perguntar: que resultados são dignos do sacrifício de uma vida? E de milhares? Vencer uma guerra é suficiente? Talvez. Não é possível imaginar uma guerra ou mesmo uma batalha sem haver mortes, e todos os que se envolvem nela sabem disso. Mas o Século XX trouxe para a Humanidade a matança em escala industrial. Não se tratava mais de matar algumas centenas de homens. Nos campos de batalha da Grande Guerra, toda uma geração foi perdida, com graves conseqüências para o futuro da Europa, sendo a 2ª Guerra Mundial apenas uma delas. Os líderes das nações em guerra só conseguiam enxergar em termos de vitória ou derrota, não se atendo ao fato de que haveria ainda um mundo depois que as armas silenciassem.

Com a morte dos homens, foram-se os valores mais elevados de patriotismo e honra, que sofreram um sério golpe nos campos de morte da Europa. A confiança do homem comum nas suas lideranças e o amor ao seu país foram mal usados e traídos. O resultado disso foram os movimentos anárquicos e revolucionários e a degeneração das sociedades, que só serviram para trazer mais conflitos para o sangrento Século XX.

Entre as pessoas que se interessam por assuntos militares, é lugar-comum ler e ouvir falar de baixas, mortos e feridos. Porém, para essas pessoas – e eu me incluo – tais informações não passam de dados estatísticos. Como disse Stálin, "uma morte é uma tragédia; um milhão de mortes é uma estatística". Para nós, que estamos confortavelmente longe dos sacrifícios impostos àquela geração, ainda resta o ilusório alívio de pensar que, se aqueles homens não tivessem morrido em 1916 ou 1918, hoje, em pleno século XXI, eles já teriam morrido de qualquer forma, pelo

peso da idade.

Mas a questão é muito mais ampla. Mesmo em tempos de paz, as lideranças de uma nação têm que ter consciência de que a sua responsabilidade não se encerra ao fim de seu mandato ou de sua vida. Os erros cometidos em 1916 têm conseqüências ainda hoje. E mesmo os menores deles são quase impossíveis de serem corrigidos. Hoje, o campo de batalha do Somme está em paz. Voltou a ser uma típica região agrícola do norte da França. As plantações crescem nos campos e as árvores substituíram a devastação das crateras de bombas. As trincheiras foram preenchidas e o arame farpado se foi. As terríveis máquinas que causaram tantas mortes hoje são peças de museu e os horrores pelos quais aqueles homens – ou, talvez, mais corretamente, aqueles jovens – passaram não passam mais de contos resumidos em livros amarelados. Com sua constelação de cemitérios militares, a região do Somme permanece como um alerta silencioso

dos perigos de uma liderança inconsciente de seus deveres para com a sua nação e a sua História.



Cemitério Militar N° 1 da Rodovia de Serre, Beaumont-Hamel, um dos muitos na região do Somme.